

## **A BALANÇA DE PODER SOB A ÓTICA DE KENNETH WALTZ: UMA DISCUSSÃO DA TEORIA SISTÊMICA**

Fernanda das Graças Corrêa<sup>1</sup>

### **Resumo**

Tem-se por objetivo, neste texto, apresentar as concepções teóricas de autores realistas como Hans Morgenthau e Raymond Aron e, por meio de uma discussão teórica compreender como a teoria da balança de poder de Kenneth Waltz é a que, acredita-se neste texto, ser a que melhor explica o comportamento e a distribuição de capacidades por parte dos Estados no sistema internacional.

**Palavras-chave:** realismo estrutural; balança de poder; emprego da força; ambiente anárquico internacional

### **Abstract**

The purpose of this paper is to present the theoretical conceptions of realistic authors as Hans Morgenthau and Raymond Aron and, through a theoretical discussion, to understand how Kenneth Waltz's theory of the balance of power is that which is believed in this text, is the one that best explains the behavior and distribution of capabilities by States in the international system.

**Keywords:** structural realism; balance of power; use of force; anarchic international environment

---

<sup>1</sup> Pós-doutoranda em Ciências Militares pela Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME). Doutora em Ciência Política na área de concentração Estudos Estratégicos pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Assessora na Assessoria de Planejamento Estratégico da empresa pública Amazônia Azul Tecnologias de Defesa S.A. (AMAZUL). Atualmente, cedida pela AMAZUL como Adjunta à Divisão de Assuntos de Geopolítica e Relações Internacionais (DAGRI) da Escola Superior de Guerra (ESG). E-mail: [fernanda.das.gracas@hotmail.com](mailto:fernanda.das.gracas@hotmail.com).

## I – O EQUILÍBRIO OU BALANÇA DE PODER NA TEORIA DAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Foi a partir das inspirações do Realismo clássico e do Realismo moderno, no que se relaciona ao emprego da força pelo Estado, que autores realistas do século XX e XXI desenvolveram seus aportes teóricos sobre a guerra. O cientista político estadunidense Kenneth Waltz (1924-2013) foi um dos grandes expoentes da corrente realista nas teorias de Relações Internacionais no século XX. Conforme elucida Marcus Faro de Castro,

o estudo das Relações Internacionais adquiriu identidade própria com o desenvolvimento da Teoria das Relações Internacionais (TRI) no século XX. O objeto da TRI é a “política internacional”. A TRI procura descrever os fundamentos políticos relativos à estruturação da ordem internacional. Mas o que é a “política internacional”? E desde quando ela existe? (CASTRO, 2001, P. 1).

Retoricamente, o autor responde que, *“a política internacional é um conjunto de práticas, frequentemente envolvendo o uso da força efetiva ou ameaçada, através das quais os estados se relacionam. A TRI, por seu turno, é um conjunto de proposições sobre como os estados regulam tais práticas”* (CASTRO, 2001, P. 1). Neste sentido, a teoria de equilíbrio de poder<sup>2</sup> se propõe a entender o conjunto de práticas, que envolve, exerce ou intimida o uso da força, através do qual os atuais Estados interagem no sistema internacional.

Um dos principais teóricos realistas que abordou a teoria de equilíbrio de poder foi Hans Morgenthau, o qual recorreu às tradições do Direito, da História e da Filosofia para formular teorias para as relações internacionais. De acordo com este autor, *equilíbrio de poder*<sup>3</sup> é a aspiração por várias nações de tentar

---

<sup>2</sup> Alguns autores como Kenneth Waltz a chamam de teoria de balanço de poder.

<sup>3</sup> Hans Morgenthau convencionou chamar o equilíbrio de “balança de poder”.

manter ou derrubar o *status quo*. De acordo com José Guadalupe Vargas Hernández,

La teoría realista de Morgenthau explora la racionalidad, el deseo por el poder, y algunos conceptos conectados como el balance del poder, intereses y propósito, el deseo humano por el poder y la racionalidad, todos estos temas conectados, aunque algunas veces por contradicciones, por una ideología. La tendencia a asociar el poder con el paradigma realista ha prevenido a través del análisis de las formas en que influencia las relaciones internacionales. El miedo al poder es constitutivo de la teoría realista con énfasis en el deseo por el poder y el balance del poder como consecuencia. (HERNÁNDEZ, 2009, P. 114)

Ao mesmo tempo em que este teórico acreditava no caráter racional da natureza humana, acreditava também no seu caráter irracional. Respaldando-se em Hobbes, Morgenthau considerava a maldade um componente necessário da política. O desejo pelo poder é da natureza humana e se constitui como uma característica de irracionalidade. Hernández acrescenta que, *“Toda esta relación y deseo de poder produce una lucha constante en tiempo y en espacio y es eterna. La eterna lucha entre los seres humanos es devastadora y es un estorbo para el progreso.”* (HERNÁNDEZ, 2009, P. 114). Esta eterna luta é a responsável pela criação do Estado e por configurá-lo dentro de valores éticos. Tanto o Estado quanto o sistema de Estados são frutos deste embate histórico. O Estado é uma entidade política e esta necessita ser conduzida por um comportamento racional e somente este pode minimizar esta imperfeição humana. Cabendo assim, a uma minoria esclarecida que formula as teorias dominar e exercer o poder. No entanto, o receio de que os detentores do poder abusem dele se configura como parte de um modelo estrutural de pesos e contrapesos. Segundo Hernández, *“el balance del poder logra la estabilidad, manteniendo una estructura estática mundial del poder, por lo que la estabilidad global se asegura por medio de la estratificación en clases de los Estados.”* (HERNÁNDEZ, 2009, P. 118). A estabilidade mundial é

garantida pela manutenção desta estrutura de desigualdades. Neste sentido, o equilíbrio de poder se tornaria a única solução viável para conter a violência.

Para Morgenthau, há dois tipos de equilíbrio de poder: (1) equilíbrio de poder de oposição direta, na qual o equilíbrio resulta dos interesses de cada país no cenário internacional. As principais funções deste tipo de balanceamento são preservar estabilidade entre as duas nações e preservar a independência de cada uma. E há a (2) equilíbrio de poder competitivo, na qual se analisa a medição do poder de cada uma das nações envolvidas sobre uma terceira. O acréscimo de poder da terceira nação afeta a balança para um ou para outro. (MORGETHAU, 2003, P.P. 330-337).

Outro expoente da corrente realista foi Raymond Aron. De acordo com este autor, por os Estados não reconhecerem juízes ou leis superiores a suas vontades, sua sobrevivência e sua segurança se devem mais a eles e às políticas de alianças. Daí a relevância que Aron atribuiu a teoria de equilíbrio de poder. Em síntese, todo Estado que deseja preservar o equilíbrio se posicionará contrário ao Estado ou à coalizão que pareça ser capaz de conseguir uma superioridade semelhante. Para Aron, há dois tipos de equilíbrios: os multipolares e os bipolares. O objetivo de cada coalizão é impedir outro Estado de adquirir meios superiores aos seus. No entanto, o fim da Segunda Guerra Mundial trouxe novos elementos de análise à percepção realista, à medida que duas grandes potências já haviam conseguido desenvolver meios de destruição em massa capazes de aniquilar uma a outra. Assim sendo, este autor inovou no que ele convencionou chamar de equilíbrio do terror, no qual, no contexto da Guerra Fria, com o advento da bomba nuclear, havia uma paz de impotência na qual reinava, segundo Noberto Bobbio, *“entre unidades políticas das quais cada uma tem a capacidade de infligir golpes mortais uma a outra”* (BOBBIO, 2003, P.154).

## II – ONTOLOGIA DO REALISMO ESTRUTURAL

Desde a década de 1950, Kenneth Waltz tem buscado compreender as causas da guerra, analisando as relações internacionais. Em 1959, publicou sua obra acadêmica *O Homem, o Estado e a Guerra* propondo explicar as causas das guerras em três níveis de análise: a natureza e o comportamento humano, a organização interna dos Estados e o sistema de Estados. Em sua análise, as causas mais importantes das guerras são a natureza e o comportamento humano. De acordo com Waltz,

as guerras resultam da estupidez e do egoísmo inerentes ao homem, as outras causas das guerras são secundárias e subordinadas a esses fatores. Para a eliminação da guerra é necessária uma mudança psicossocial do homem. Além de discutir idéias de Santo Agostinho, Espinosa, Niebuhr e Morgenthau, Waltz analisa criticamente diversos modelos da área da ciência do comportamento humano que visam a promoção da paz. (RESENDE, 2004).

A conclusão de Waltz foi que, por a Psicologia não ser capaz de explicar as causas das guerras, haveria a necessidade de propor uma análise política. Ao se debruçar sobre a organização interna dos Estados, este teórico buscou utilizar as obras de Karl Marx, Emmanuel Kant e Woodrow Wilson para sustentar seu argumento em defesa de uma reforma do Estado a fim de alcançar a paz. A fim de complementar sua explicação, Waltz propõe a análise do sistema de Estados, a qual considera que neste ambiente anárquico no qual os Estados se encontram *“a ausência de uma autoridade acima dos Estados para prevenir e conciliar os conflitos que surgem necessariamente de vontades particulares significa que a guerra é inevitável”* (WALTZ, 2004, P. 235).

Em virtude de a conjuntura internacional nas décadas de 1950 e 1960 se configurar em um cenário de hostilidade entre Estados Unidos e União

Soviética, confirmando as principais premissas dos autores realistas, o Realismo moderno ganhou cada vez mais prestígio nos estudos das relações entre os Estados. No entanto, a partir da década de 1970, diante de o diálogo cada vez mais prevalecer nas relações entre EUA e URSS, da emergência de multiplicidade de parcerias interestatais, do surgimento da globalização e da interdependência nas relações internacionais e, principalmente, da crise econômica na década de 1970 decorrente da ruptura das regras de Bretton Woods, em 1971, somada às duas crises do petróleo, o Estado como centro das decisões políticas no sistema internacional e o Realismo moderno passaram a sofrer críticas acirradas, em especial, por teóricos liberais. Foi neste contexto, em 1979, que Waltz publicou o livro *Teoria das Relações Internacionais* propondo uma teoria sistêmica, comumente conhecida como Neorealismo ou Realismo Estrutural. Convencionou-se assim denominá-lo por Waltz providenciar uma análise estrutural do sistema internacional. De acordo com Lara Martim Rodrigues Selis,

Waltz, assim como grande parte dos teóricos das RI, reconheceu a possibilidade de se construir uma ciência sobre a política internacional. Para esse empreendimento, os autores do campo dispõem da reflexão de muitos teóricos que, como eles e antes deles, creram na construção de conhecimento científico e racional sobre o mundo, muito embora se dedicassem a áreas de estudo distintas. Na longa lista de autores, encontramos filósofos antigos como Aristóteles e Platão (século IV a. C.), Descartes e Leibniz (século XVII) e Kant e Newton (século XVIII). (SELIS, 2011. P. 30)

De acordo com este raciocínio, o conhecimento produzido ao longo da história das Relações Internacionais explicitava um caráter descritivo e não explanatório. A teoria construída por este autor buscava explicar como fenômenos ditos independentes constituem, na verdade, resultados de uma ontologia comum. De acordo com Selis,

o realismo estrutural fundamenta-se na visão de que as teorias reducionistas são incapazes de lograr explicações suficientes sobre a ordem internacional. Para aquela abordagem, o princípio causal responsável pelas regularidades da política internacional deve ser buscado na própria estrutura social do objeto (...). (SELIS, 2011. P. 37)

Isto significa que a condição anárquica produz mecanismos explanatórios para o equilíbrio de poder nas Relações Internacionais, o qual, segundo Waltz, manifesta-se de forma regular entre os atores deste sistema. Além disso, o comportamento dos Estados no ambiente anárquico do sistema internacional é determinado pela distribuição assimétrica do poder.

### **III – A DISTRIBUIÇÃO DE CAPACIDADES E A BALANÇA DE PODER NO SISTEMA INTERNACIONAL**

O poder é a principal variável no sistema internacional e este, aliado à disposição expansionista e/ou hegemônica dos Estados são, de acordo com o Neorealismo, os responsáveis pela regularidade constante das guerras. Conforme esclarecem Dawisson Belém Lopes e Leonardo César Souza Ramos,

Waltz naturaliza a ideia do conflito, na medida em que argumenta ser a ordem internacional o resultado das medições de força entre as suas unidades constituintes, os Estados. Embora a estrutura do sistema internacional waltziano seja horizontal, porquanto anárquica, existe hierarquia decorrente da distribuição de capacidades materiais [capabilities] entre os Estados, que se lançam irremediavelmente no esforço para sobrepujarem uns aos outros. Ao cabo, essa hierarquia acaba limitando e constringendo o exercício da soberania pelos Estados mais fracos. (LOPES, RAMOS, 2009, P. 5).

Em seu livro *Teoria das Relações Internacionais*, analisa a estrutura do sistema internacional em três níveis de análise: o princípio de ordenação, as características das unidades e a distribuição de recursos/capacidades entre as

unidades do sistema. A primeira unidade de análise está relacionada à ordenação, na qual entende-se haver dois princípios: hierarquia e anarquia. Na hierarquia, a ordem entre as interações entre as unidades é determinada por instâncias superiores às unidades. Na anarquia, na ausência de instâncias superiores às unidades, a ordem é determinada pelo comportamento das unidades no sistema internacional. As características das unidades do sistema dependem das diferentes atividades desenvolvidas pelos atores nesse sistema, as quais determinam se um sistema é pouco ou muito especializado. De acordo com Ana Paula B. Tostes,

apesar dos Estados serem funcionalmente semelhantes, eles diferem muito nas suas capacidades, dessas diferenças, segundo Waltz, algo semelhante a uma “divisão de trabalho” se desenvolve. Como o que mais marca um sistema de auto-ajuda é que cada uma de suas unidades gasta boa parte de seus esforços – não perseguindo o seu próprio interesse, mas se protegendo dos outros – a especialização (como a que se dá na “divisão de trabalho”) funciona como uma vantagem para todos. (Revista Lua Nova, 2004).

Os Estados variam em tamanho, poder, riqueza, forma. Não são quaisquer Estados que podem fazer parte de uma estrutura; mas sim, os mais importantes. Questões de mercado, demografia, território, recursos naturais, estabilidade política, indústria, tecnologia, recursos, cultura, ideologia, instituições, capacidade militar etc, são fatores que destacam a relevância de um Estado no seio de uma estrutura. A estrutura cria um padrão de comportamento que molda os processos decisórios políticos, produz efeitos similares e especifica as funções das unidades. Bruna Moreira Silva Coelho e Gustavo dos Santos de Miranda elencaram as principais características das unidades:

- i) a anarquia ou a ausência de uma hierarquia no ambiente internacional, limitando cada ator a se preocupar com sua sobrevivência; ii) a busca por segurança estatal em um sistema



anárquico, onde o acúmulo de recursos é a única maneira de garantir a segurança individual de cada Estado; iii) a análise do sistema em nível unitário, onde os Estados são unidades distintas cada uma com interesses díspares; iv) a necessidade de cada Estado prover sua própria segurança, sendo o mesmo o único responsável direto por sua própria sobrevivência, causando um efeito de primazia deste esforço; v) as relações de poder entre os Estados são marcadas pelas capacidades relativas de ação nas esferas militar e econômica; vi) estados soberanos são os principais atores do sistema internacional e atenção especial é concedida às grandes potências, pois têm mais influência na cena internacional; e vii) instituições internacionais, organizações não governamentais, corporações multinacionais, indivíduos e outros atores subestatais ou trans-estatais são vistos como tendo pouca influência independente. (COELHO, MIRANDA, 2013).

De acordo com Waltz, *“a busca dos Estados pelo poder e pela segurança não era motivada pela natureza humana, mas sim em função da estrutura do sistema internacional, que os obriga a agir desta maneira”*. (JACKSON, SORENSEN, 2007, P. 83). Em virtude das características que definem a relevância dos Estados em uma estrutura, em um ambiente anárquico internacional, os Estados devem confiar nos meios que são capazes de gerar e nos acordos que os auto-beneficiem. Desta forma, isto significa dizer que os Estados, nas relações internacionais, são caracterizados pelo princípio da auto ajuda e a segurança e a sobrevivência são assim, os fins perseguidos pelos Estados. De acordo com Waltz,

além do motivo da sobrevivência, os objetivos dos estados podem ser muito variados; podem ir desde a ambição de conquistar o mundo ao mero desejo de serem deixados em paz. A sobrevivência é um pré-requisito para alcançar qualquer objetivo que os estados possam ter, excluindo a promoção do seu próprio desaparecimento como entidades políticas. O motivo da sobrevivência é visto como a base de acção num mundo onde a segurança dos estados não é garantida e não como uma descrição realista do impulso que está por detrás de qualquer acto do estado. A premissa toma em consideração o facto de nenhum estado actuar sempre exclusivamente para assegurar a sua sobrevivência. (WALTZ, 2002, P. 130).

A distribuição das capacidades/recursos entre as unidades do sistema é o terceiro nível de análise. Neste nível de análise, Waltz se debruça a explicar como as capacidades dos Estados são distribuídas no sistema internacional, ou seja, suas diferenciações funcionais e a amplitude de suas capacidades. Para este teórico, existem apenas dois tipos de distribuição das capacidades: a bipolar e a multipolar. A bipolaridade é mais estável por, além de permitir uma maior organização entre os Estados, só existe um inimigo e é mais estável na manutenção da paz, por também dificultar o jogo duplo e alianças não declaradas entre os Estados, tornando o sistema internacional mais transparente. Em um sistema multipolar, por o ambiente anárquico ser menos previsível e mais instável, é mais difícil para os Estados definirem claramente aqueles que são aliados ou não.

No ambiente internacional, os Estados são atores unitários que, no mínimo, buscam a auto preservação e, no máximo, buscam o domínio universal. Os Estados buscam de forma racional usar os meios de que dispõem para alcançar estes fins. A racionalidade é entendida por Waltz como a qualidade do sistema, sua estrutura e sua habilidade para filtrar os Estados irracionais. De acordo com este teórico, estes meios se encaixam em duas categorias: *“esforços internos (formas de aumentar a capacidade econômica, aumentar a força militar, desenvolver estratégias inteligentes) e esforços externos (formas para fortalecer e alargar as suas alianças ou para enfraquecer e encolher um oponente)”* (WALTZ, 2002, P. 164). Em um sistema de auto ajuda, em que o Estado não busca aumentar seus esforços internos e externos estará se expondo aos riscos do ambiente anárquico e a interesses escusos de outros Estados no sistema internacional. Neste sentido, a teoria do equilíbrio de poder (ou balança de poder, como Waltz, cita algumas vezes), *“é uma teoria sobre os resultados produzidos pelas ações (sic) descoordenadas dos estados. A teoria faz assunções sobre os interesses e os motivos dos estados, em vez de os explicar. O que explica são os*

*constrangimentos que confinam todos os estados”* (WALTZ, 2002, P. 170). Waltz definiu a teoria da balança do poder como um desenvolvimento da teoria sistêmica das relações internacionais. O destino de cada Estado no sistema internacional depende das suas respostas às ações dos outros Estados. Quanto maior é a participação do Estado na distribuição das capacidades no sistema internacional menores serão as possibilidades de ele ser constrangido. Embora a teoria não esteja apenas concentrada no domínio militar, a possibilidade de explosão de conflitos armados no ambiente internacional leva à competição nas técnicas e nos instrumentos das forças dos Estados. A distribuição assimétrica entre os Estados é a fonte de segurança no sistema internacional, favorecendo uma situação de equilíbrio de poder.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como mencionado, a anarquia do sistema internacional é causa regular das guerras. Entre Estados, o estado de natureza é um estado de guerra. Embora outros renomados autores, como Morgenthau e Aron, tenham teorizado a balança de poder nas Relações Internacionais, por a teoria de balança de poder de Waltz sustentar que o destino de cada Estado no sistema internacional depende das suas respostas às ações dos outros Estados e ter defendido que, quanto maior é a participação do Estado na distribuição das capacidades no sistema internacional menores serão as possibilidades de ele ser constrangido, acredita-se ser a que mais bem explica o emprego da força e a disposição expansionista e/ou hegemônica dos Estados no sistema internacional.

**REFERÊNCIAS**

[S/A] Lua Nova: Revista de Cultura e Política. Nº 63, São Paulo, 2004. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452004000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452004000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt) . Acessado em 10 de setembro de 2017.

BOBBIO, Norberto. *Os problemas da Guerra e as vias da paz*. São Paulo: UNESP, 2003.

CASTRO, Marcus Faro de. *De Westphalia a Seattle: a teoria das relações internacionais em transição*. Cadernos do REL, Nº 20. Universidade de Brasília, 2º Semestre de 2001.

COELHO, Bruna Moreira Silva. MIRANDA, Gustavo dos Santos de. *Kenneth Waltz – Parte I: as produções teóricas até a década de 1980*. Conjuntura Internacional. Setembro, 2013. Disponível em <<https://pucminasconjuntura.wordpress.com/2013/09/16/kenneth-waltz-parte-i-as-producoes-teoricas-ate-a-decada-de-1980/>>. Acessado em 10 de setembro de 2017.

HERNÁNDEZ, José Guadalupe Vargas. *El realismo y el neorrealismo estructural*. Estudios Políticos, Novena Época, Nº 16, Janeiro-Abril de 2009. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/66209738/El-realismo-y-el-neorrealismo-estructural#scribd>>. Acessado em 11 de setembro de 2017.

JACKSON, Robert. SORENSEN, Georg. *Introdução às relações internacionais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LOPES, Dawisson Belém. RAMOS, Leonardo César Souza. *Existe uma ordem econômica internacional? A problematização de uma premissa*. Revista de Economia Política, vol. 29, nº 2 (114), abril-junho/2009. Disponível em <<http://www.rep.org.br/PDF/114-6.PDF>>. Acessado em 11 de setembro de 2017.

MORGETHAU, Hans. *A política entre as nações*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora Universidade de Brasília: Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, São Paulo, 2003 Disponível em <<http://www.funag.gov.br/biblioteca/dmdocuments/0179.pdf>>. Acessado em 11 de setembro de 2017.

RESENDE, Carlos Augusto Rollemberg de. Resenha. Revista Brasileira de Política Internacional. V. 47, Nº 1 Brasília Jan./Jun de 2004. Disponível em <

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-73292004000100009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-73292004000100009) >. Acessado em 11 de setembro de 2017..

SELIS, Lara Martim Rodrigues. *Deslimites da Razão – Um estudo sobre a teoria neorealista de Kenneth Waltz*. Dissertação, Mestrado, Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Mestre em Relações Internacionais. Brasília, 2011. Disponível em <  
[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9751/1/2011\\_LaraMartimRodriguesSelis.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/9751/1/2011_LaraMartimRodriguesSelis.pdf) >. Acessado em 11 de setembro de 2017..

WALTZ, Kenneth. *Teoria das Relações Internacionais*. Lisboa: Gradiva, 2002.